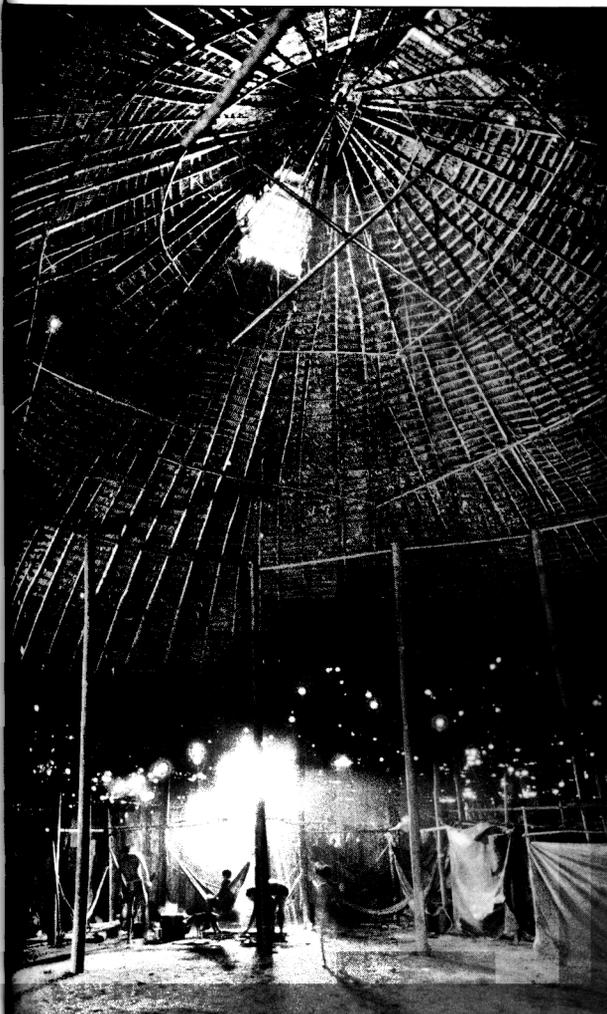




AS ESTRELAS NA TEIA. Contra a luz, um grande círculo faz a ligação entre o terreno e o divino. Uma grande trama de madeira recria a natureza. No espírito de uma teia de aranha gigantesca. Com a mesma precisão e sensibilidade. Cada pedaço de tronco, adaptado, entrecruzado, geometricamente disposto e interligado, evoca o que está fora. Mas está dentro. Acolhe. Existe em razão de uma idéia. É um círculo premeditado. Austero. Simples. Extremamente complicado. Muito alto. Muito amplo. Precisou de prática, de sabedoria, para ser construído. Uma pessoa sozinha não poderia erguê-lo. Adivinhamos várias mãos, olhares, risadas. Pequenos acidentes. Várias inteligências. A de desenhar a base no chão. A de procurar a madeira. A de cortar. A de calcular a altura. A de tramar. A de erguer. Toda uma tribo? Só os homens? Só as mulheres? Os

dois trabalhando juntos? E os brancos? E as crianças onde estavam? E aqueles buracos por onde passa a luz apareceram por vontade própria? Foram feitos de propósito? Os buracos brilham como estrelas no arredondado desse céu interior. O vazio do ar, da luz, do espaço parece segurar essa floresta domesticada. Como tudo que é cósmico, essa morada muda de aspecto de acordo com o passar do tempo. Como será à noite? Escura? Barulhenta? Cheia de gente? Tomada pelos bichos? Pelos espíritos? Vira casa dos

morcegos? Tem fogueira? As estrelas entram de verdade? Não sabemos. Só podemos querer adivinhar. Porque agora é dia. O chão é de terra batida. Plano. Tem gente andando aí dentro. As redes estão armadas. Pressentimos afazeres variados. Adultos e crianças dividem o mesmo espaço. Mas esse espaço está quebrado. As verticais de sustentação, os panos pendurados, os plásticos, as redes, dividem o todo. Rompem a harmonia. O sentido de coesão do círculo. O equilíbrio entre a terra e o céu. O encontro entre a pele do homem e as matérias suaves da natureza. Ao rés do chão, o círculo perde seu caráter integrador. Mantém-se mágico nas alturas. No contato com a luz.



< Roraima, Brasil, 1998

Proposta de atividades

- Propor uma reflexão sobre a situação atual das nações e das reservas indígenas brasileiras.
- Sugerir um exercício teatral baseado em hábitos, crenças, ritos e no cotidiano dos indígenas.



O fotógrafo posiciona-se num plano diagonal, buscando ampliar a profundidade da maloca. Usa lente com um ângulo de 35 mm, abertura e velocidade reguladas a partir da luz interna do ambiente, deixando “estourar” (vazar bastante luz) nos buracos.

Temas transversais

- A figura do índio nas telenovelas e na literatura brasileira do século XIX-XX. Comparar a visão de José de Alencar com a de Darcy Ribeiro.
- A medicina fitoterápica.